

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 8 – 1 de Fevereiro 2018 | A GRANDE VALSA (1938)



“Em Viena, 1844, as pessoas de bem não dançavam a valsa, os maridos não beijavam as mulheres em público, nem se aceitavam certas ideias. Em 1845, chegou Johann Strauss II e as suas melodias imortais. Ficcionamos mais a espírito do que os factos da sua vida. Porque é o seu espírito que vive na sua música”, é assim que se inicia “A Grande Valsa”, filme de 1938, estreado em 1940 em Lisboa, no São Luiz, a 20 de Fevereiro.

Este é um dos filmes mais amados pelo público entre as muitas dezenas que procuraram adaptar ao cinema a vida e a música de tantos e tantos compositores mundiais. Várias são as razões para tornar esta obra tão apetecível, ainda hoje, apesar de não ser interpretada por actores de reputação internacional perene. Mas o filme possui outros predicados que o tornam amável, a começar desde logo pela música, sobretudo as valsas imortais que, como afirma o prólogo, não eram bem vistas pelos bem-pensantes da altura, mas que se tornaram, depois de Strauss II, numa das formas musicais mais popular e interclassistas. Passada a fase do preconceito musical, que sempre existiu frente à novidade, esta acaba por se impor.

O filme teve uma génese muito precária. Parece que a MGM, na figura do seu presidente, Louis B. Mayer, queria muito produzir um filme sobre Strauss II, de que era apreciador. A história inicia-se em 1935, vários realizadores e actores estiveram previstos, Nelson Eddy, então muito popular era o escolhido inicialmente para o papel de Strauss, mas Francis Lederer, Brian Aherne, Clifton Webb ou Fredric March chegaram a ser previstos. Joseph L. Mankiewicz era apontado como produtor e um dos que escreveu parte do argumento, e o projecto foi sendo protelado até 1938. Nessa altura acaba por se reunir elenco e equipa técnica das mais “estrangeiras” que Hollywood conheceu.

O realizador a dar o nome foi o francês Julien Duvivier, mas dizem que o “apaga fogos” da altura, Victor Fleming, também esteve envolvido, bem assim como o alemão Josef von Sternberg, que afirmam ter rodado algumas sequências.

O compositor que adaptou a música de Strauss, foi o russo Dimitri Tiomkin e a fotografia era assinada pelo também russo Joseph Ruttenberg, a soprano Miliza Korjus era polaca, e o protagonista, Ferdinand Gravet que não cantava (era dobrado por dois barítonos, Earl Covert e Ralph Leon), francês. Na terra natal era conhecido por Fernand Gravey. Gottfried Reinhardt, um dos argumentistas, era alemão. Haveria mais a contar mas para se perceber a Babilónia e a presença de um certo sotaque da Europa central acho que basta de citações. Mas será ainda curioso referir que a belíssima Miliza Korjus que tinha uma voz que maravilhava as audiências, se tinha estreado no cinema, em 1935, no germânico “O Estudante de Praga”, de Arthur Robinson, sendo contratada pela MGM por um contrato de 10 anos. “A Grande Valsa” foi o seu segundo filme e último para a Metro. Pouco depois teria um gravíssimo acidente que quase lhe amputou uma perna, ainda fez uma aparição num filme mexicano de 1942, “Caballería del imperio”, e retirou-se dos palcos, mantendo-se a cantar mas apenas em estúdio para gravação de discos.

Miliza Korjus rivalizava no filme, e nas personagens interpretadas, com Luise Rainer que era Poldi Vogelhuber, a esposa dedicada e amantíssima de Strauss, enquanto a polaca assumia o papel de Carla Donner, a sedutora femme fatale que fazia Strauss abandonar o lar para acorrer aos seus encantos.

O filme inicia-se com Strauss como empregado do Banco Comercial de Viena, onde não cumpre com nenhuma vontade as tarefas de que se devia encarregar, preferindo escrever notas de música em vez de manusear notas de banco. Despedido, entrega-se inteiramente à sua música, olhada como revolucionária, e enquadrada nos movimentos revolucionários que então atravessavam o império.

A verdade é que o jovem ignorado passa da noite para o dia a coqueluche da capital, do país, do mundo. No filme essa reacção é-nos transmitida, de forma algo ingénua, mas divertida, através de um mecanismo metafórico, com base numa actuação da orquestra de Strauss num restaurante que, de início, não tem ninguém, mas que rapidamente se transforma num invulgar amontoado de espectadores e de dançarinos de valsa. Um triunfo que irá acompanhar depois a trajetória do compositor, de sucesso em sucesso, desde “A Lenda dos Bosques de Viena”, que permite a encenação de uma encantadora versão da inspiração do músico, ao atravessar os bosques, de carruagem, ao lado de Carla Donner, até ao não menos famoso “Danúbio Azul”.



O filme esta obviamente datado, mas para alguns (entre os quais me incluo) esse facto acrescenta um tom nostálgico a uma obra de alguma inspiração na realização, de um gosto rétro na interpretação, de belíssima fotografia, que seria salientada nos Oscars (bem assim como o trabalho de Miliza Korjus). Deve ainda referir-se que a música de Johann Strauss II foi “trabalhada” para cinema pelo talentoso Dimitri Tiomkin, e que Oscar Hammerstein II, o famoso autor de tantos e tão magníficos musicais, criou os poemas que se ouvem cantados pelos diversos intervenientes.

Julien Duvivier, de origem francesa como já vimos, andava por esta altura pelos EUA, num dos seus momentos de glória. Na altura era colocado no topo da produção francesa, integrando o grupo de “cinco Grandes”, ao lado de Jean Renoir, Rene Clair, Jacques Feyder, e Marcel Carne. Começou muito novo como assistente de realização, em 1918, tem uma filmografia vasta, onde avultam obras essenciais da

cinematografia gaulesa: “Pépé le Moko” e “Um Carnet de Baile” (ambos de 1937), “A Carroça Fantasma” (1939), “Seis Destinos” (1942), “A Alma de Uma Nação” e “Os Mistérios da Vida” (1943), “Sob o Céu de Paris” (1951) ou “Dom Camilo” (1952). A partir de finais dos anos 50 começou a ser muito atacado pelos jovens da “nouvelle vague”, com alguma injustiça, e o seu cinema decaiu de interesse. Filmou, entre muitos outros, “A mulher e o fantoche” (1959), com Brigitte Bardot e o português António Vilar, e o seu último filme seria “Diabolicamente Tua” (1967). Morreu a 39 de Outubro desse mesmo ano, vítima de um invulgar acidente de automóvel. O seu carro chocaria com o de Maurice Schumann, Ministro da Ciência de Charles De Gaulle.

Este é um exemplo de um tempo em que o cinema parecia um local feliz.



A GRANDE VALSA

Título original: The Great Waltz

Realização: Julien Duvivier, Victor Fleming e Josef von Sternberg (estes não creditados), e ainda Richard Rosson (segunda equipa) e Eric North (EUA, 1938); **Argumento:** Gottfried Reinhardt, Samuel Hoffenstein, Walter Reisch, e ainda, não creditados, Vicki Baum e Joseph L. Mankiewicz; **Produção:** Bernard H. Hyman; **Música:** Johann Strauss II, Artur Guttman, director musical, Dimitri Tiomkin, arranjos musicais, Oscar Hammerstein II, líricas, Samuel Albert, Mischa Bakaleinikoff, Jack Barsby, Bronislaw Gimpel, Lucia Laria, Irving Lipschultz, Paul Marquardt, Ray Menhennick, Robert Mitchell, Alice Mock, Samson Noble, Mel Pedesky, Toscha Seidel, Henry Shostac, Albert Vertchamp, músicos, não creditados; **Fotografia (p/b):** Joseph Ruttenberg; **Montagem:** Tom Held; **Direcção artística:** Cedric Gibbon; **Guarda-roupa:** Adrian; **Maquilhagem:** Sydney Guilaroff, Gustaf Norin, Josef Norin; **Assistentes de realização:** Victor Fleming, Robert A. Golden, Reginald Le Borg, Richard Rosson (não creditados); **Departamento de arte:** Paul Groesse, Edwin B. Willis; **Som:** Douglas Shearer; **Coreografia de danças:** Albertina Rasch; **Fernand Gravey dobrado nas canções por Earl Covert, Ralph Leon;** **Companhias de produção:** Metro-Goldwyn-Mayer (MGM); **Intérpretes:** Luise Rainer (Poldi Vogelhuber), Fernand Gravey (Johann Strauss), Miliza Korjus (Carla Donner), Hugh Herbert (Hofbauer), Lionel Atwill (Conde Hohenfried), Curt Bois (Kienzl), Al Shean (Cellist), Minna Gombell (Mrs. Hofbauer), George Houston (Schiller), Bert Roach (Vogelhuber), Greta Meyer (Mrs. Vogelhuber), Herman Bing (Dommayer), Alma Kruger (Mrs. Strauss), Henry Hull (Franz Josef), Leonid Kinskey, Sig Ruman, Christian Rub, etc. **Duração:** 104 minutos; **Distribuição em Portugal (DVD):** Feel films / Resén; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** São Luiz, 20 de Fevereiro de 1940.

OUTROS FILMES SOBRE JOHANNES STRAUSS II:



VALSAS DE VIENA (Waltzes from Vienna), de Alfred Hitchcock (Inglaterra, 1934)

A VALSA DO CHAMPANHE (Champagne Waltz), de A. Edward Sutherland (EUA, 1937)

WIENER WALZER, de Emil E. Reinert (Áustria, 1951)

A GRANDE VALSA (The Great Waltz), de Andrew L. Stone (EUA, 1972)

JOHANN STRAUSS - DER KÖNIG OHNE KRONE, de Franz Antel (França, 1987)

Duas séries para televisão a merecerem ser citadas:

THE STRAUSS FAMILY, de David Giles, David Reid e Peter Potter (Inglaterra, EUA, 1972)

STRAUSS DYNASTY, de Marvin J. Chomsky (Áustria, 1991)